

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL  
ASSESSORIA DE IMPRENSA

HISTÓRICO DOS PROBLEMAS EM TOLDO GUARITA

|                 |
|-----------------|
| CEDI - P. I. B. |
| DATA 20, 08, 86 |
| COD KG 102      |

Os arrendamentos legais começaram há 15 anos atrás. Naquela época, a maior parte da área indígena - 23 mil hectares - era coberta de matas. Como era proibido o corte de árvores, o desmatamento foi feito através de queimadas, e o aluguel das terras pelos colonos era pago ao antigo Serviço de Proteção aos Índios. Esta situação terminou em 1973, com a criação do Estatuto do Índio, pela lei 6.001. Desde aí não foram feitos mais contratos de arrendamento de terras a colonos em Toldo Guarita.

No entanto, após 1973, alguns grandes arrendatários, entre eles Nilo e Arnaldo Roewe e a família Otonelli, permaneceram explorando as terras indígenas porque entraram com processo na Justiça. A causa foi perdida no Estado e eles entraram com recurso na Justiça Federal. Até agora nada foi resolvido.

ARRENDAMENTOS ILEGAIS

Depois de 1973, cerca de 80 famílias de colonos ficaram morando e plantando dentro da área indígena, além de cerca de outras cem famílias que moravam fora, mas continuavam a plantar na reserva Kaingang.

Entre os anos de 1976 e 78, a Funai fez um cadastramento de todas as famílias não-Índias que viviam dentro da reserva, intimando-as a saírem da área dentro de seis meses. A maioria dos pequenos agricultores foi transferida para lotes de terras em Mato Grosso. Outros deslocaram-se para as periferias das cidades próximas, onde tinham parentes. Atualmente vivem 1.800 famílias de índios Kaingang, nos 23 mil hectares da reserva e, os missionários que <sup>lá</sup> trabalham não sabem informar se ainda há colonos morando dentro da área, pela impossibilidade de percorrerem toda a reserva.

DIVISÃO GEOGRÁFICA

A área indígena de Toldo Guarita divide-se em cinco setores. Um denomina-se Missão, o segundo Posto, o terceiro Miraguai, o quarto Pau Escrito e, o último Tenente Portela. Estes cinco setores pertencem às áreas de cinco municípios: Tenente Portela, Miraguai, Redentora, Eral Seco e Pinhalzinho.

O setor de Missão localiza-se no município de Redentora e Eral Seco, contando com uma enfermaria, uma escola primária, moradias de funcionários da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil IECLB, e uma mini-cooperativa. Os índios ocupam de forma espalhada toda a parte desmatada - 13 mil hectares - da reserva. Os outros 10 mil hectares não tem mais matas.

## IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL

Assessoria de Imprensa

Devido à assistência rural e antropológica dos missionários evangélicos, o setor de Missão de Toldo Guaritã é o que apresenta o maior nível de conscientização indígena, com o grupo desenvolvendo seu trabalho entre si, não necessitando de parceria com colonos.

No entanto, em maio deste ano, o trabalho missionário sofreu um retrocesso, porque alguns índios não conseguiram resistir às ofertas de dinheiro feitas por cerca de dez famílias de colonos que queriam cultivar as terras da reserva. Isto também acontece porque a Missão tem apenas um trator e dois tratoristas, além de quatro juntas de bois para atender 84 famílias de índios, que desejam aumentar suas roças.

Os poucos instrumentos próprios de trabalho não são suficientes e os índios aceitam os recursos de fora, oferecidos pelos colonos. Devido à falta crônica de dinheiro, os índios caem nas ofertas dos colonos, entregando a terra para exploração, em troca de cerca de 30 por cento do lucro. No entanto, eles entregam apenas parte da terra, porque continuam cultivando suas lavouras de subsistência com feijão, mandioca, arroz, batata doce e amendoim.

Atualmente a missão tem com os índios uma roça comunitária mecanizada, de 15 hectares, plantados com trigo, soja e milho, que trazem todo o lucro para a comunidade indígena e onde os índios decidem como será aplicado o dinheiro. Para este ano, eles resolveram comprar uma trilhadeira e talvez uma junta de bois. Com o restante do dinheiro, vão iniciar a compra de um estoque de alimentos que será pago na próxima safra, com os resultados da colheita, formando assim uma cantina reembolsável.

### OUTROS SETORES

O desenvolvimento nos outros setores, em geral, é negativo. Depois da expulsão, em 1978, de todas as famílias de pequenos agricultores, muitos índios procuraram parceiros fora da reserva. Isso levou a situações de corrupção e desmoralização dos índios pela facilidade de obter dinheiro sem trabalhar. Houve casos até de grandes granjeiros oferecendo automóveis aos índios, em troca da parceria para exploração da terra, ao que os índios não resistiram.

A consequência disso é a dependência financeira a que os índios se submetem, fazendo com que o grupo abandone seus hábitos culturais, deixando de ir à mata e à terra para buscar sua sobrevivência e valorizando apenas aquilo que pode ser comprado. Vem também a transformação dos valores sociais, com valorização apenas daqueles que ganham dinheiro e não mais trabalham na roça.

## IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL

Assessoria de Imprensa

## VIDA SOCIAL

A vida social em Toldo Guarita com os Kaingang é dirigida pelo cacique Sebastião Alfaiate, de 48 anos. Seu substituto é o capitão Ivo Ribeiro, de 40 anos. A eles estão subordinados cinco outros capitães, que chefiam os cinco setores da reserva. Cada um deles tem seus tenentes, seus cabos e policiais.

O cacique Sebastião escolhe seus capitães e estes seus subordinados. E isto gera problemas, porque o índio Kaingang é muito obediente as suas autoridades. E, no momento, o cacique Sebastião, seu filho Felipe e o substituto Ivo são os índios que tem a maior parte de terras arrendadas aos granjeiros. Uma estimativa extra-oficial revela que estão em mãos dos granjeiros para exploração mais de 1.200 hectares, são daqueles três índios.

O exemplo de Sebastião abre, assim, as portas para outros arrendamentos com colonos por parte de outros índios, pois o cacique tem um relacionamento muito íntimo com os brancos, de quem recebe grande influência.

## CONFLITOS

O arrendatário Benjamin Oto Schwantz foi expulso pelo cacique Sebastião, da lavoura que tinha com os índios, no ano passado, porque não pagou o suficiente pela exploração das terras e porque os índios encontraram outro parceiro que ofereceu um pagamento mais alto. Atualmente Benjamin alega que parte da lavoura de 300 hectares, situada no setor Tenente Portela, é de sua propriedade, ficando fora da reserva. Ali ele mandou gradear (lavrar a roça, passar um trator com grade por cima e depois plantar novamente) uma faixa de oito metros de terras, onde se encontrava milho em fase de florescimento. Benjamin Schwantz tem o apoio de vários outros colonos e, inclusive de um advogado, João Gellert Filho, de Tenente Portela, e, ainda, apoio moral de alguns políticos municipais.

O índio Felipe, filho do cacique Sebastião Alfaiate, que é proprietário da roça mandada gradear por Benjamin Schwantz, assistiu o fato ocorrido nos dias 21 e 22 de novembro, e procurou ajuda do chefe do posto indígena, Rodolfo Valentini que, imediatamente solicitou apoio da Brigada Militar. Mas, até que os policiais militares chegassem, a informação alastrou-se pelo interior do município, atraindo vários outros colonos e, junto com eles o advogado Gellert Filho. Depois, foram todos levados à delegacia

## IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL

Assessoria de Imprensa

de Tenente Portela, para deporem sobre o fato. Na delegacia, Gellert e os colonos deram um prazo de um mês para o chefe do Posto e aos índios para resolverem o problema da terra, ameaçando resolver o ~~caso~~ por conta própria.

Dia 26 de novembro, o índio Felipe disse à chefia do Posto que havia sido retirado os marcos de demarcação da reserva e que um trator havia entrado novamente em sua roça.

A mudança de marcos divisórios já vem acontecendo desde setembro passado, sempre na roça de Felipe. Os índios se sentem inseguros porque não sabem como será resolvido o problema. E, como eles poderão assegurar a demarcação de suas terras, já feita pela Funai.

O chefe do Posto, Rodolfo Valentini, já solicitou a ajuda da Funai, em Brasília, mas, até agora nada foi feito.

Os missionários atuantes na área temem pela reação dos índios e dos colonos, porque já constataram que ambos estão armados, sendo que já foram vistas espingardas Winchester e revólveres dentro da reserva. A preocupação dos missionários é que a Funai esclareça quem são os grupos que estão fornecendo armas aos índios e, eles pedem também que a Funai envie reforço de pessoal, imediatamente para a reserva, para impedir o conflito armado que se ameaça e, ainda que, com a descoberta das fontes fornecedoras de armas, elas sejam enquadradas criminalmente pela Justiça.

-----  
Ass. Imp.

3/12/79

T.K.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL  
ASSESSORIA DE IMPRENSA

IECLB PEDE INTERVENÇÃO IMEDIATA DA FUNAI EM TOLDO GUARITA  
PARA EVITAR CONFLITO ARMADO ENTRE KAINGANG E AGRICULTORES

Depois de ter denunciado, na semana passada, a ameaça de conflito armado entre os índios Kaingang, do Toldo Indígena Guarita, localizado em 23 mil hectares de cinco municípios do noroeste do Rio Grande do Sul - Redentora, Erval Seco, Miraguai, Tenente Portela e Pinhalzinho- e grupos de colonos que, desde setembro passado vem alterando os marcos divisórios da reserva, diminuindo seu tamanho, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana, IECLB, está enviando agora, uma carta ao Presidente da Funai, coronel João Carlos Nobre da Veiga, ao Ministro do Interior, Mario Andreazza, e à Presidência da República. No documento, a IECLB destaca sua preocupação com o problema e pede a atuação imediata da Funai, reforçando o pessoal para impedir qualquer possibilidade de conflito entre índios e colonos e, reivindica a instalação de inquérito para a identificação dos grupos fornecedores de armas aos índios, pedindo também a responsabilidade criminal, depois desta identificação, destes fornecedores.

O texto da carta é este: anexo a seguir

ATENÇÃO, acompanha também esta matéria, um material informativo à imprensa sobre o histórico da situação atual entre os Kaingang e colonos em Toldo Guarita.

  
T. Krustcka

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL  
Assessoria de Imprensa

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, IECLB, comprometida com a causa indígena a partir do Evangelho de Jesus Cristo e, reconhecendo que os direitos defendidos pelo Estatuto do Índio se coadunam com os objetivos de trabalho da IECLB e, ainda na qualidade de parceira em convênio com a Fundação Nacional do Índio, vem, através desta correspondência, chamar a atenção do Governo Federal para a ameaça de conflito armado entre Índios Kaingang e colonos parceiros de Toldo Guarita, reserva indígena que ocupa 23 mil hectares de cinco municípios do noroeste do Rio Grande do Sul, terras já totalmente demarcadas pela Funai, e onde vivem 1.800 famílias indígenas.

Desde o mês de setembro passado, a roça do Índio Felipe, filho do cacique Sebastião Alfaiate, vem tendo os marcos divisórios mudados constantemente de lugar, numa clara tentativa de diminuir o tamanho da reserva indígena, por pessoas não Índias. O conflito surgiu porque um antigo parceiro de Felipe, o agricultor Benjamin Oto Schwantz, foi expulso da reserva e teve a parceria com Felipe anulada, em favor de outro agricultor que ofereceu maiores lucros aos Índios.

Sentindo-se preterido, Benjamin mandou gradear uma faixa de oito metros de roça, de 400 hectares, plantada por Felipe e outro colono, mudando os marcos divisórios, diminuindo o tamanho da reserva e afirmando que aquelas terras eram suas. Várias provocações neste sentido foram feitas e os Índios receberam armas de fogo - inclusive espingardas Winchesters e revólveres - de fora. Há cerca de 15 dias, o chefe do posto indígena, Rodolfo Valentini, viu-se obrigado a chamar as forças da Brigada Militar para garantirem a ordem na reserva e impedirem um conflito armado entre Índios e colonos.

São grandes os interesses comerciais que rondam o Toldo Indígena Guarita. Sabe-se também, segundo foi anunciado na delegacia de Tenente Portela, para onde foram levados Índios e colonos que participaram do episódio em que a Brigada Militar interveio, que os colonos, liderados pelo advogado João Gallert Filho, de Tenente Portela, teriam dado o prazo de um mês aos Índios para resolverem os problemas das terras, ameaçando tomar por sua conta a resolução do caso, se não for cumprido aquele prazo. Informações extra-oficiais dão conta ainda de que os colonos interessados nas terras - dez grandes granjeiros e cerca de trinta pequenos - contam com apoio político municipal.

Ora, as autoridades brasileiras e o povo sabem que cabe ao próprio Governo a defesa das terras e do patrimônio indígena. E, como até agora não foi tomada nenhuma providência oficial, a IECLB deseja uma pronta ação da Funai neste caso, para evitar que acontecimen-



## IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL

Assessoria de Imprensa

tos semelhantes aos que se verificaram em Nonoai, em 1977, aconteçam agora. A IECLB deseja também evitar, sendo parceira em convênio com a Funai, que seus missionários, atuantes dentro da área indígena, sejam responsabilizados por fatos que, agora mesmo eles estão denunciando e alertando. Quer também alertar para o abandono em que estão sendo deixadas todas as tribos onde se verificam pressões sobre a propriedade de terras, principalmente neste caso de Toldo Guarita, onde a reserva já está demarcada e onde se encontram apenas três arrendatários, remanescentes de contratos do antigo Serviço de Proteção aos Índios. Estes ainda se mantêm na área porque os processos que deram entrada na Justiça não foram resolvidos até hoje. A IECLB quer também denunciar a liberdade de ação de grupos não-índios, principalmente de grandes agricultores que, com grandes disponibilidades econômicas, corrompem os índios, oferecendo dinheiro fácil e automóveis para garantir parceria na exploração de lavouras, dentro das reservas indígenas e, para a qual eles mesmo determinam qual a porcentagem a ser paga aos índios.

Dentro deste quadro geral, a atuação dos missionários luteranos na área de Toldo Guarita fica totalmente prejudicada, pois enquanto buscam dar aos índios todo o apoio para desenvolverem sua própria cultura, sem as descaracterizações trazidas por não-índios em outros tempos, estas missões tornam-se fracas para concorrer com o abuso da corrupção, expressa por grupos econômicos interessados em destruir as culturas indígenas e se apossarem de suas terras.

E, mais ainda porque, como já se comprovou que os índios estão armados, e que há uma grande insegurança envolvendo toda a comunidade indígena, os missionários temem exatamente pela reação de índios e colonos, em novos casos de mudança de marcos divisórios.

A preocupação da IECLB, ao fazer esta denúncia pública, é requerer uma atuação imediata da Funai na área, para que impeça o prosseguimento da ação criminosa de mudança de marcos divisórios. A IECLB quer também que a Funai esclareça publicamente quem são os grupos econômicos e seus representantes que estão fornecendo armas aos índios, realizando uma investigação completa para identificá-los, com a consequente instauração de inquérito na Justiça para responsabilizá-los judicialmente.

Porto Alegre, 7 de dezembro de 1979.

Augusto Kunert - Presidente da IECLB.

## IECLB e FUNAI investigarão expulsão do pastor Roberto

O pastor presidente da IECLB, Augusto Kunert, e o secretário de Missão, pastor Friedrich Gierus, viajaram em fins de outubro a Brasília para um contato com o presidente da FUNAI, coronel Nobre da Veiga. Nesse contato discutiram a questão da expulsão do pastor Roberto Zwetsch, da IECLB, do Posto Indígena Sete de Setembro, na Rondônia. Roberto e sua mulher, Lori, foram expulsos daquele posto em outubro através de um ofício assinado pelo seu administrador, Almoré Cunha da Silva.

Conforme telegrama do diretor do Departamento Geral de Planejamento da FUNAI, Luis Antônio Ribeiro, ao Presidente da IECLB, a decisão da expulsão "não partiu da superior administração da FUNAI". O telegrama dizia ainda que a FUNAI tomaria as "providências cabíveis" nesse caso.

No encontro dos representantes da IECLB com a presidência da FUNAI, Kunert

ventilou a possibilidade de rescindir o convênio que a Igreja mantém com a Fundação junto aos índios suruí, na Rondônia, caso esse órgão continue a tratar seus missionários como "serviçais".

Por sua vez, o Presidente da FUNAI afirma que o órgão precisa da ajuda das Igrejas para tratar da questão indígena e, por isso, pretende promover um diálogo com a IECLB.

Na reunião em Brasília, ainda foram decididos alguns passos daqui para a frente: inicialmente se procederá a uma sindicância sobre a expulsão através de uma comissão mista IECLB-FUNAI; e em janeiro, pretende-se promover um encontro de alto nível sobre os convênios da IECLB com a FUNAI.

Ainda quanto à expulsão de Roberto do posto indígena dos suruí, segundo Gierus, a IECLB se esforçará para resolver logo a questão e não permitirá que a FUNAI esvazie a questão através de um protelamento da solução.

## Situação tensa em Tenente Portela

(Do SID) Dez granjeiros e outros 30 pequenos agricultores, que mantêm parceria com índios kaingang para exploração de lavouras na reserva indígena de Toldo Guarita, no município de Tenente Portela (RS), vêm mudando os marcos de divisa da reserva, diminuindo seu tamanho.

Em Tenente Portela circulam informações de que há um plano entre os colonos para repartirem entre si as terras tomadas ilegalmente da reserva indígena. O fato gera insegurança cada vez maior entre os 1.800 kaingang que vivem em Toldo Guarita, a tal ponto que os índios estão ameaçando entrar em conflito armado com os colonos, para garantirem a posse de suas terras, já demarcadas pela FUNAI.

Com 23 mil hectares, a reserva indígena de Toldo Guarita — bastante cobiçada — é a maior área destinada ao abrigo dos índios no Sul do País. Ainda em fins de novembro, a Brigada Militar de Tenente Portela foi chamada pelo chefe do Posto Indígena, Rodolfo Valentini, para garantir a fronteira das terras, depois que um arrendatário mudou a localização da divisa, junto a uma roça de milho, plantada em conjunto entre um índio e um colono.